

Ricardo Reis

**Cedo demais vem sempre, Cloé, o inverno.**

Cedo de mais vem sempre, Cloé, o inverno.  
É sempre prematuro, inda que o espere  
Nosso hábito, o esfriar  
Do desejo que houve.

Não entardece que não morra o dia.  
Não nasce amor ou fé em nós que não  
Morra com isso ao menos  
O não amar ou crer.

Todo o gesto que o nosso corpo faz  
Com o repouso anterior contrasta.  
Nesta má circunstância  
Do tempo eternos somos.

Só sabe da arte com que viva a vida  
Aquele que, de tão contínua usá-la,  
Furte ao tempo a vitória  
Das mudanças depressa,

E entardecendo como um dia trópico,  
Até ao fim inevitável guie  
Uma igual vida, súbito  
Precipite no abismo.

7-7-1919

**Poemas de Ricardo Reis.** Fernando Pessoa. (Edição Crítica de Luiz Fagundes Duarte.) Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1994: 85.